

## ENTRE DOIS MUNDOS: GEORGE BENT E A LUTA CHEYENNE

Ricardo Martins Valle

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB (Brasil)

Endereço eletrônico: ricardomartins.valle@uesb.edu.br

Frances Luíza Nascimento Brandão

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB (Brasil)

Endereço eletrônico: francesluiza@hotmail.com

Sabrina Rocha Ferreira

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB (Brasil)

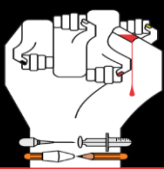
Endereço eletrônico: sabrina.rocha.ferreira@live.com

1261

### INTRODUÇÃO

*Life of George Bent, written from his Letters* foi publicado pela primeira vez em 1968, ano em que se completavam 50 anos da morte de seu narrador. A narrativa em primeira pessoa foi compilada e organizada por George E. Hyde, escritor e historiador dos índios das planícies do meio-oeste dos EUA, a partir da correspondência que manteve com o antigo guerreiro e então obscuro *halfblood* Cheyenne de Oklahoma, falecido em 1918, possivelmente de gripe espanhola. No auge da Guerra do Vietnã, o ano de 1968 era também o centenário da assim chamada Batalha de Washita, provavelmente o mais truculento e covarde dos massacres do período, cometido pelo coronel em ascensão George Armstrong Custer, de infame memória, no comando da Sétima Cavalaria dos Estados Unidos, ao som da alegre canção tradicional irlandesa tocada pela banda marcial que singularizava as ações daquele regimento.

O mais completo testemunho indígena desse e de outros episódios sangrentos das Guerras Índias do século XIX norte-americano vieram das cartas de Bent, o principal informante anônimo dos mais importantes etnógrafos do mundo Cheyenne. George Bent teria sua voz restituída à narrativa da história de seu povo pelas mãos do seu principal correspondente, George E. Hyde, um historiador prático, sem formação universitária e com limitações físicas que faziam das cartas seu principal instrumento de pesquisa e documentação, o que torna ainda mais impressionante a força de seu legado para a memória indígena. Graças ao esforço desse homem que perdeu a audição e quase totalmente a visão no início da vida adulta, a memória Cheyenne e particularmente a palavra empenhada de George Bent não desapareceram sob a fanfarra das versões oficiais ou sob o distanciamento do discurso acadêmico científico. Efetivamente, a



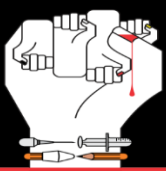
colaboração entre George Bent e George Hyde com o renomado professor George B. Grinnell assegurou ao povo Cheyenne o domínio da narrativa dos últimos anos de vida livre dos índios das planícies centrais a oeste do Rio Mississippi. Contudo, foi com muito atraso que se restituiu a voz em primeira pessoa desse personagem histórico que teria tudo para ser lendário não fosse ele mesmo o narrador-personagem empenhado em narrar como coadjuvante tudo o que viu e tudo o que ouviu de seus parentes indígenas.

Após os últimos golpes genocidas das forças armadas americanas contra a “vida selvagem” na última década do século XIX, George Bent capitularia com os seus, aceitando a remoção para dentro da Reserva dos Índios Cheyenne e Arapaho do Sul (*Southern Cheyenne and Arapaho Indian Reservation*), a oeste de Oklahoma, mas ali Bent continuaria sua luta obstinada por não deixar desaparecer a memória Cheyenne anterior ao cativo. Além do genocídio contra o qual resistiu, pintado e armado como um autêntico Cheyenne, ao lado dos mais notáveis chefes e líderes de grupos guerreiros, Bent combateu o etnocídio de seu povo não permitindo o apagamento da história Cheyenne. Dos anos 1850 aos 1880, passou quase quarenta anos como guerreiro e depois como intérprete Cheyenne nos tratados de paz, entre os anos 1890 e o final da década de 1910, trabalhou como funcionário na Reserva e escreveu quase meio milhar de extensas cartas para todos os que se interessassem pela narrativa Cheyenne.

1262

## ASPECTOS METODOLÓGICOS DO PROJETO

Este trabalho é resultado parcial do Projeto de Pesquisa Letras Indígenas Contemporâneas, como publicação do subprojeto “Plains Indians: meu povo os Cheyenne”. Trata-se de um projeto de difusão de Letras Indígenas cuja meta é a produção de uma tradução academicamente informada e literariamente trabalhada, buscando esse duplo objetivo por meio da produção de verbetes sobre todos os itens onomásticos – que demandam pesquisa, desambiguação, adaptação cultural na língua de chegada, etc. – e também sobre todos os itens lexicais - que demonstrem ser politicamente sensíveis nos debates atuais das questões de etnicidade ou que simplesmente guardem certas idiossincrasias do universo do “velho oeste” americano. Desse modo, organizando tabelas lexicais e onomásticas que, além de garantirem consistência à versão brasileira, servirão de base para apresentação, notas, glossários e também para outros documentos históricos que o Projeto pretende abordar nos desdobramentos deste subprojeto. O objetivo amplo do projeto é difundir repertórios



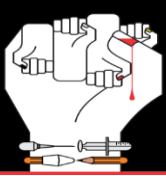
narrativos pouco conhecidos em língua portuguesa que abordem abrangentemente os processos de devastação colonial nas Américas e que colaborem no estudo das culturas e epistemologias indígenas para que seu legado seja devolvido aos territórios degradados pela invasão civilizatória e pela consequente introdução de práticas exógenas e agressivas de ocupação da terra, orientadas pela ideologia do direito manifesto e, portanto, procedendo à eliminação deliberada de todos os outros seres a que naturalmente a terra estivesse ligada, inclusive e principalmente os seres humanos e as culturas que se constituíram nesta ligação com o território.

1263

### ***Life of George Bent: Luta e memória Cheyenne***

Terceiro de cinco irmãos, George Bent nasceu em 1843 na tenda de seus avós Cheyenne, ao lado do Forte dos Bent e às margens do Rio Arkansas. Morreu em 1918, na Reserva dos Índios Cheyenne e Arapaho do Sul, durante a pandemia de gripe. Oriundo de uma família importante de St. Louis, seu pai, William Bent, teve grande relevância na história do atual Colorado. Foi um grande comerciante de peles e outras mercadorias muito conhecido em todo o território indígena desde o baixo Missouri e o Arkansas até os Rios Canadian e Red. Assentado nas florestas subtropicais das terras altas do Rio Arkansas, pouco abaixo das Rocky Mountains, estendia sua influência até bastante além da fronteira dos Estados Unidos com o México. Em sociedade com seu irmão, William construiu o famoso Bent's Old Fort, um dos postos comerciais mais movimentados da Trilha de Santa Fé que ficava a meio caminho para o Novo México por onde inicialmente se passou para o Óregon e a Califórnia, nos respectivos surtos de ouro que rasgariam os territórios indígenas do meio-oeste americano de norte a sul, fazendo desaparecer todo um ecossistema e toda uma diversidade étnica no prazo de uma única geração.

Apesar de pouco conhecido no Brasil, George Bent é uma figura de grande importância para a história dos Estados Unidos da América e principalmente para a história dos nativos americanos. Seu pai foi um dos primeiros americanos a se fixarem nas proximidades das Montanhas Rochosas do Colorado, entre os anos 1830 e 1850. Já sua mãe e suas tias foram mulheres Cheyenne nascidas de uma família de prestígio entre os Cheyenne do Sul, filhas de um importante líder espiritual, conhecido como White Thunder, seu avô materno. Nenhuma das mulheres que o ajudaram criar jamais dormiram sob o teto dos três ou quatro Fortes que o marido comum construiu ao longo

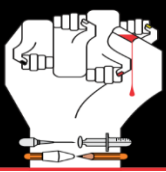


da vida, em adobe, em paliçada ou em pedra.

Ao longo de sua vida, George Bent se viu entre duas realidades: cresceu junto ao Forte dos Bent, em meio às cabanas Cheyenne, entre comerciantes, caçadores e domadores de cavalo brancos e na companhia de crianças e mulheres indígenas de diversas etnias, mas principalmente Cheyenne, Arapaho e Sioux. Estudou em uma escola para crianças brancas no Missouri, o que o habilitaria, mais tarde, para ser como uma ponte entre aqueles dois mundos, sem jamais deixar de declarar-se Cheyenne por toda a vida adulta, povo por cuja memória dedicou toda a velhice, problematizando a assim chamada “Marcha para o Oeste” e, por consequência, toda a história oficial da expansão territorial dos Estados Unidos da América.

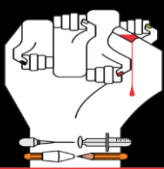
A partir de sua própria experiência e de narrativas de outros Cheyenne mais velhos e contemporâneos seus, as cartas de George Bent narram acontecimentos históricos a partir de uma perspectiva indígena (HAACK, 2010). Por seu relato, ao pé do Forte do pai, assistimos desde a invasão do Novo México e Califórnia pelas tropas americanas do General Sherman até as terríveis noites de inverno que atravessaram os sobreviventes dos Massacres de Sand Creek (1864) e do Rio Washita (1868). George sobreviveu aos dois escandalosos ataques sobre o acampamento pacífico de Black Kettle, composto por cerca de 300, 350 indivíduos entre crianças, mulheres e idosos, não havendo mais de 50 homens em idade de luta.

Seu tio Charles era o primogênito na descendência de um notável magistrado de St. Louis. Residia em San Fernando de Taos, no Novo México, e foi o primeiro governador americano em Santa Fé, nomeado pelo Gal. Sterling Pierce, imediatamente após sua ocupação pelas Forças Americanas do Oeste, que utilizaram como via de passagem pelo Rio Arkansas precisamente um trecho raso e brando da correnteza, conhecido como Bents Ford, pouco abaixo do Antigo Forte Bent, quando George Bent tinha entre 8 e 9 anos. Seu tio Charles é ainda hoje considerado herói de guerra americano no Novo México devido ao seu brutal assassinato na Revolta de Taos, cujos primeiros testemunhos Bent ouviu ainda criança, dias após o ocorrido, pela boca de figuras emblemáticas daquele “Velho Oeste”, tais como Charles Autabee, Thomas Fritzpatrick e Frank Blair Jr. Após a guerra mexicana, George foi estudar em Westport e ingressou na vida adulta alistando-se entre os rebeldes confederados secessionistas na Guerra Civil americana, muito por influência de seu tutor na cidade, partidário dos Estados sulistas, financiador de campanhas contra a abolição da escravidão e herdeiro de Daniel Boom, o famoso pioneiro do baixo Missouri, por onde se acessam as terras



altas do Arkansas. Com a derrota na Guerra Civil, George terminou preso na mesma escola em que estudou, transformada em prisão de indígenas e *halfblood* secessionistas, mas foi salvo de uma penalidade mais severa pelas relações de prestígio mantidas pelo pai e pela custódia oferecida pelo seu irmão mais velho, Robert, que, antes de retornar com George ao mundo Cheyenne - onde casariam, lutariam e morreriam -, lutou entre os vitoriosos “casacos azuis”, os *yankee* do norte. Lutaram em campos opostos quase por acaso numa guerra de brancos que não lhes dizia respeito, mas lutaram sempre juntos como guerreiros Cheyenne após retornarem para as terras altas do Colorado. Parece narrativa ficcional, sim. Contudo, além do contato direto com conhecidas figuras indígenas não apenas Cheyenne tais como Red Cloud, Lean Bear, Medicine Water, Roman Nose, Crazy Horse, Black Kettle, Spotted Tail entre muitos outros, George Bent casou e viveu como um Cheyenne, no epicentro de algumas das mais importantes batalhas entre os indígenas e os homens brancos na segunda metade do século XIX. Já casado, como membro do grupo de Black Kettle, e vivendo como seu genro na tenda do grande líder pacifista, Bent foi por isso mesmo vítima e testemunha dos Massacres de Sand Creek e Washita.

Foi principalmente George Bent, mas não só ele, quem deixou o mais doloroso depoimento sobre todo aquele crime que terminou com a morte do grande líder pacifista e de sua esposa. Foi ele quem registrou o dramático gesto de Black Kettle em frente à sua cabana em Sand Creek agitando um grande mastro de madeira no alto do qual havia amarrada a bandeira americana que lhe deram de presente em sua viagem ao Leste em missão de paz, onde recebeu a promessa de que todos aqueles que estivessem debaixo daquele símbolo não seriam atacados pelo exército americano. Em decorrência de Sand Creek, Bent participou como Cheyenne do assalto a Julesburg e das escaramuças ao longo do vale do Rio Platte (HAACK, 2010). Guerreou ao lado de ninguém menos do que o lendário Roman Nose, chefe Sioux de cujas batalhas espetaculares ele forneceu a perspectiva indígena. Lutou e viveu com os Dog Soldiers, sociedade guerreira formada por índios Sioux, Cheyenne e Arapaho, a qual, sob o comando de Lean Bear, organizou em grande medida a resistência da guerrilha indígena naqueles territórios por ao menos 40 décadas de guerra dos brancos. Participou como intérprete e testemunha em diversas tratativas entre os chefes indígenas e os representantes do governo americano, inclusive na comissão de paz enviada para levantar os crimes de Sand Creek.



## APONTAMENTOS FINAIS

George Bent terminou a vida em luta contra o alcoolismo, confinado na Reserva Cheyenne de Oklahoma, ganhando a vida como intérprete pago pelo governo americano e escrevendo cartas e mais cartas a correspondentes comprometidos em não deixar desaparecer seu testemunho sobre aquele povo e aqueles eventos. Halaas e Masich (2000) sublinham a importância silenciosa de White Thunder no destino do neto que assumiu a missão do avô, que xamanicamente sabia da iminência do fim da vida livre, porque o lendário Sweet Medicine, xamã primordial das tradições Cheyenne, havia predito. A influência do avô indígena estaria presente na sua vida de guerreiro e na sua vida de informante indígena de etnógrafos brancos, fazendo medicina espiritual “contra o lado branco da história”, como propõe Faller (2004).

Como resultado de decisões políticas deliberadas e de soluções legislativas com intuítos cristãos e efeitos profundamente danosos para todo um território equivalente a mais de um terço do espaço continental americano, ao passar de uma geração, tornaram-se irreversivelmente extintos diversos ecossistemas e diversos modos de vida indígena livre. Viu desaparecer diante de seus olhos toda a diversidade de biomas naturais e culturas humanas que por milhares de anos foram abrigados pela vasta rede dos afluentes da margem oeste do Mississippi. Entre vales, canyons, savanas e florestas subtropicais se esgueirou a resistência indígena com técnicas de escaramuça que jamais poderiam ameaçar a gigantesca e inesgotável força das US Army, cujos principais representantes mesmo assim foram heroicizados e vitimizados pela primeira historiografia oficial das guerras índias. Sem o testemunho de George Bent, os primeiros historiadores e etnógrafos dos *indians plains* ficariam restritos a versões indiretas e mediadas pelo olhar de soldados, oficiais e clérigos que atravessaram aquele território e deixaram seus relatos que hoje servem a confirmar a própria verdade factual da narrativa de Bent.

**PALAVRAS-CHAVE:** George Bent. Cheyenne. História Indígena. Letras Indígenas. Invasão Colonial.

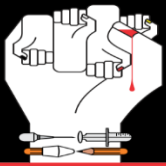
## REFERÊNCIAS

FALLER, Lincoln B. Making Medicine against “The white man’s side of story”: George Bent’s Letter to George Hyde. In: *American Indian Quarterly*. (Winter, 2000). Vol. 24, No. 1; pp. 65-90.

HAACK, Stevem C. “This must have been a grand sight”: George Bent and the Battle of Platte Bridge. In: *Great Plains Quarterly*. (Winter, 2010). Vol. 30, no. 1: 3-20.

HALAAS, David Fridtjof; MASICH, Andrew E. *Halfbreed: the remarkable true story of George Bent caught between the worlds of the indian and the white man*. Cambridge Dacapo Press Editions, 2004.

HYDE, George E. *Life of George Bent written from his letter*. Norman: University of Oklahoma



Press, 1979.

